

EUMARA MACIEL

# O sem-fim da INFÂNCIA

*Ilustração de Daniel Azevedo*

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2018



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Jacimara Vieira dos Santos

ILUSTRAÇÕES  
Daniel Azevedo

CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

M1521            MACIEL, EUMARA. 1988 -  
O SEM-FIM DA INFÂNCIA / EUMARA MACIEL. -  
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2018.

78 p.: 21 cm.

ISBN 978-85-5833-363-4

1. CRÔNICAS. 2. ILUSTRAÇÕES I. TÍTULO

CDD.: B869.8

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## A MENINA QUE NASCEU PARA ESCREVER UM MUNDO SEM-FIM

E é assim, a gente chega a esse mundo “desapian-do” em um lugar que não poderia ser outro para se viver: o sertão. E a gente se torna um **ser tão** enraizado a essas veredas, garranchos e pedregulhos da caatinga que ora se faz pálida, convalescente, agonizante, mas que, de súbito, com a chegada da chuva, desperta, ressurgue, exuberar-se exalando vida em todas as suas formas, cores, cheiros, sabores e sons. E assim, como essa caatinga, é a gente que nasce nesse **ser tão** sem-fim: resistente, esperançosa, lutadora... A gente que nasce por essas bandas acaba se tornando parte desse **ser tão**: constrói suas identidades nessa relação com cada elemento desse conjunto diverso. Digo isso, lembrando-me de Hall quando fala da construção das identidades a partir da relação com o outro; também de Bauman e das

suas identidades líquidas que nos mostram como a gente muda e se adapta ao outro, ao mundo, e se torna um **ser tão** camaleônico a depender do que a vida sertaneja nos disponibiliza. A gente passa a não **ser tão** somente em corpo físico como até pensamos ser um dia, mas nos tornamos aquilo que a memória e a identidade nos consubstanciou, pois Candau não nos deixa esquecer de que a memória contribui para a formação da identidade de cada um de nós. Assim, passamos a ser mais o que lembramos ou o que esquecemos conforme nos diz Ricoeur acerca de memória e do esquecimento; passamos a ser mais o que dizem de nós e o que representamos para o nosso meio do que aquilo que pensamos ser. Ah, e quando lembramos, vivemos de novo. E às vezes precisamos esquecer para não morrer. Então, aqui nessas lembranças, Eumara vive de novo, e nos faz também viver ao seu lado, suas memórias, suas alegrias e suas dores menos intensas, porque sei que aquelas dores que poderiam “desvivê-la”, ela preferiu esquecer e não trazer aqui nesse sem-fim. Em o *Sem-fim da infância*, Eumara se constrói e se faz eterna, não morrerá jamais, pois é personagem e autora. E a obra não morre, viverá em memórias, em narrativas contadas por uma autoria coletiva. Eumara se apossa dessas histórias nas quais é narradora e personagem,

mas outros também se apossarão e se farão autores, personagens. Nesse sem-fim, Eumara traz um pouco de si e do outro e, dessa forma, ela se torna esse **ser tão** singular e plural. Em suas memórias, também nos encontramos e nos remetemos às nossas memórias, nos tornamos um **ser tão** de lembranças e de identificação com suas narrativas. A gente se lembra também de como foi o nosso nascimento ao escutar a sua “vida cesárea”. Usarei a expressão “escutar”, porque ao ler sua prosa, parece mesmo que a estamos escutando, visto que a sua escrita performática e onomatopeica deixa seus sussurros, gritos, dengos, lamúrias, sorrisos, caretas... Com Eumara, a gente vai se eternizando dentro de nós mesmos ao lembrarmos também das nossas brincadeiras na chuva, dos nossos diálogos com os mais velhos em suas labutas cotidianas. Quem não teve uma dona Côca e um vô Mário na vida? Quem, assim como Eumara, não se encantou e teve medo das histórias de lobisomem? Quem já não saboreou um “taco” de rapadura ou fez “puxa” com a mesma? E quem já não tomou chás de “tanta coisa” ou utilizou algum remédio de “bulários” como esse que Eumara nos receita? Ah, lembrar de tudo isso e tantas outras coisas é um presente que ela nos regala. A comida das avós feita no fogão à lenha e os quitutes que fazíamos sob a sombra de árvores são

lembranças saborosas e bem temperadas de afetos. Dá até fome só de lembrar. E quem não tem histórias para contar do tempo de escola, das brincadeiras, brigas, descobertas, aprendizagens...? Ah, Eumara, muito obrigado por me fazer **ser tão** gente, **ser tão** sertão... Menina, me dê um bocadinho de sua licença que vou continuar a minha leitura do seu mundo, do nosso mundo: um mundo sem-fim, como são as nossas histórias, as nossas memórias desse **ser tão** rico e plural que é a infância da gente.

**Nerivaldo Alves Araújo**

Doutor em Literatura e Cultura – UFBA  
Professor da Universidade do Estado da Bahia (Uneb)  
Também um sertanejo.

## *Cartografias da infância: um ser tão criança*

Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória e, nesta escrita, têm morada as lembranças da minha infância.

Recorro à narrativa para falar de um lugar situado no sertão. Cravado no Nordeste brasileiro, no Centro-Norte da Bahia, chamado de povoado de Serra Queixo. É caatinga. É seminário de secas gracilianas: limpíssimo céu atravessado por um sol cintilante até sua queda no Ocidente. Às vezes, campeiam por ali parcas nuvens, que, se colocadas numa engenhoca, não dão um litro de água.

Nos períodos de chuva, o chão e nós ainda somos inundados pela esperança, pois, por lá, não há rios, riachos. Há cacimbas. E bicas por onde escorriam as gotas em direção aos imensos tanques que comportavam a água ao longo de vários meses para matar nossa sede; ainda usamos essa prática, mesmo que já existam as modernas encanações, relógios medidores, torneiras e mais cloro do que água: sim, a água acabou mudando de sentido...

Todavia, não é só dessa geografia de tradições e rupturas que é feita minha infância naquele lugar. Traço um mapa das gentes, das imagens e das emoções que trago na escrita como meu modo particular de voltar lá. De rever o povo. De reviver o que não é mais tangível.

Hoje, só posso enxergar, do alpendre da casa de minha, a longa rua de terra vermelha, fincada por pés de juá, algaroba e flamboyant. Ainda posso ver as ruínas da casa de farinha ao lado de Tio Mocinho, o reboque troncho que demarca o terreiro de Tio Bitonho, o tronco de algaroba sob a sombra que nos faz reunidos por ali na casa de Tio Dário, o curral de onde ainda exala o odor do estrume, o frondoso juazeiro distribuindo espinhos e frutos na frente da casa de vó. O prédio no alto da ladeira rodeada de pedregulhos.

Fecho os olhos e vejo, ainda, os canteiros suspensos de coentro na casa de tia Jaci. O colorido do São Gonçalo dançando no terreiro da casa de dona Nêga. A fila quilométrica para encher os baldes no chafariz. Crianças embonecados depois do banho das seis horas da tarde. O arado assentado na frente da casa de tio Dilton e tia Cleuza. As flores vibrantemente amarelas que enfeitam a frente da casa de tio Adailton. No quintal, o jirau empilhando painelas areadas, o engenho a girar seu ciclo infinito, os poleiros cheios de galinhas, os galos cantantes da manhã,



os pés de imbu em flor e as cercas de quebra-facão separando os territórios da manga e da roça plantada.

Preparo os ouvidos e ouço... Um aboio de longe, riscando a linha divisória do Mandacaru. A zuada da água da caixa grande derramando pela rua com seu fino fio. Meninos enfunados brigando. A reza desquebrantadeira de dona Maria a baloiçar os galos de arruda. O toc-toc do pisar do milho no pilão de tia Carmelita. O eco dos caminhões rasgando a pista ao longe.

Ouçó! O canto das mães às dezoito horas, postadas na porta de casa, como sabiás, entoando nossos nomes, deixando ecoar na rua a última letra: “Ô, Eumaraaaaaaaa”. Chamavam-nos para o ninho; fim do voo diário. Faziam isso como um prenúncio da incontinência da nossa vontade de liberdade quando voássemos vastamente em nossas gaiolas invisíveis da vida adulta. É, ninguém mais me chama para ninar o alvoroço dos meus dias.

Essas são as cartografias em tons e sons da minha infância, traçadas pela vontade de neotonia. Eu durmo no canto da fopagô. Eu acordo para o café de painho. Eu padeço na saudade. Eu traço a rota da volta. E, mesmo há 20 anos desse tempo, mesmo a 200 km desse espaço, dentro de mim, mora esse lugar. Pulsando em veias... um mapa muito antigo.



## EUMARA MACIEL

Doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia, com mestrado em Estudo de Linguagens e graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia. Atualmente é Secretária Executiva da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Participa dos Grupos de Pesquisa: Estudos de produção e recepção em culturas e linguagens (UNEB) e África: história e identidades (UFBA). É também autora do livro *Espaços do eu na obra “Infel” de Ayaan Hirsi Ali*.